

YBY: ALTERIDADE PAYAYÁ


Jamille da Silva Lima¹

As fotografias aqui reunidas foram compostas durante as viagens para realização de minha Tese de Doutorado em Geografia, defendida no Instituto de Geociências da Unicamp em 2019, “O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá”.

Pesquisa composta junto a e com os Payayá, povo indígena do sertão baiano, que me acolheram em sua hospitalidade e hostilidade na Yapira, povoado de Cabeceira do Rio no município de Utinga, na Chapada Diamantina.

Estas fotografias expressam a busca por uma imagem não aquarteladora, manifesta tanto no sentido ético da escrita do trabalho quanto na produção de imagens que não reificassem o sentido colonial da narrativa acadêmica e historiográfica no que se refere aos povos indígenas.

Essas fotografias orientam-se, portanto, à Yby (“terra onde moramos”), como expressão da alteridade Payayá. Dela se depreende a Ybykuí, pó da terra, que marca o pisar na Yapira. Abrigando-se nas reentrâncias das sandálias, nas cavidades da parede e do chão, sobre as folhas à beira da estrada, esse pó perfila uma certa monocromia do castanho avermelhado que, paradoxalmente, reflete uma iridescência de cores implicadas nos sentidos de caminhar. Ele adere às superfícies, conferindo-lhes aspereza. Por isso, cobre as formas, mas também as descobre no âmbito da sensibilidade modalizada pela imagem. Ex-posição, pela qual a receptividade teórica à distância (manifesta pelo olhar contemplativo) recai em proximidade, a universalidade em singularidade, sob a perturbação da calma da não-ubiquidade do ser. Estas imagens nos interpelam, não somente como ostensão à visão, mas sobretudo, comunica o rosto de terra que não se deixa esquadrihar. Elas inspiram a indissociabilidade do compasso entre a ligação à Yby e o rastro incomputável da ética.

Nesta direção, a imagem não se reduz a uma impressão fotográfica e nem a uma paisagem exterior à visão. Ela afeta aos que permitem ouvir sua musicalidade, provocando a heteronomia que conduz para fora do nó de nossa substancialidade. Desta maneira, ela indica práxis e não contemplação. Um engajar-se ético na responsabilidade para com Outrem. 

¹ Professora da Universidade do Estado da Bahia, campus IV, Jacobina. jaslima@uneb.br.

✉ Avenida Antonio Brandão, 2365, Catuaba, Jacobina, BA. 44700-000.



Cocar: familiaridade com a terra



Cipó Mil Homens: organicidade da Yby



Pés no chão, acolhimento da terra



Aqui e lá: a força do encontro



Paisagem de Ybikuí e sua granulometria



Frutos da Yby: fruição ao debulhar



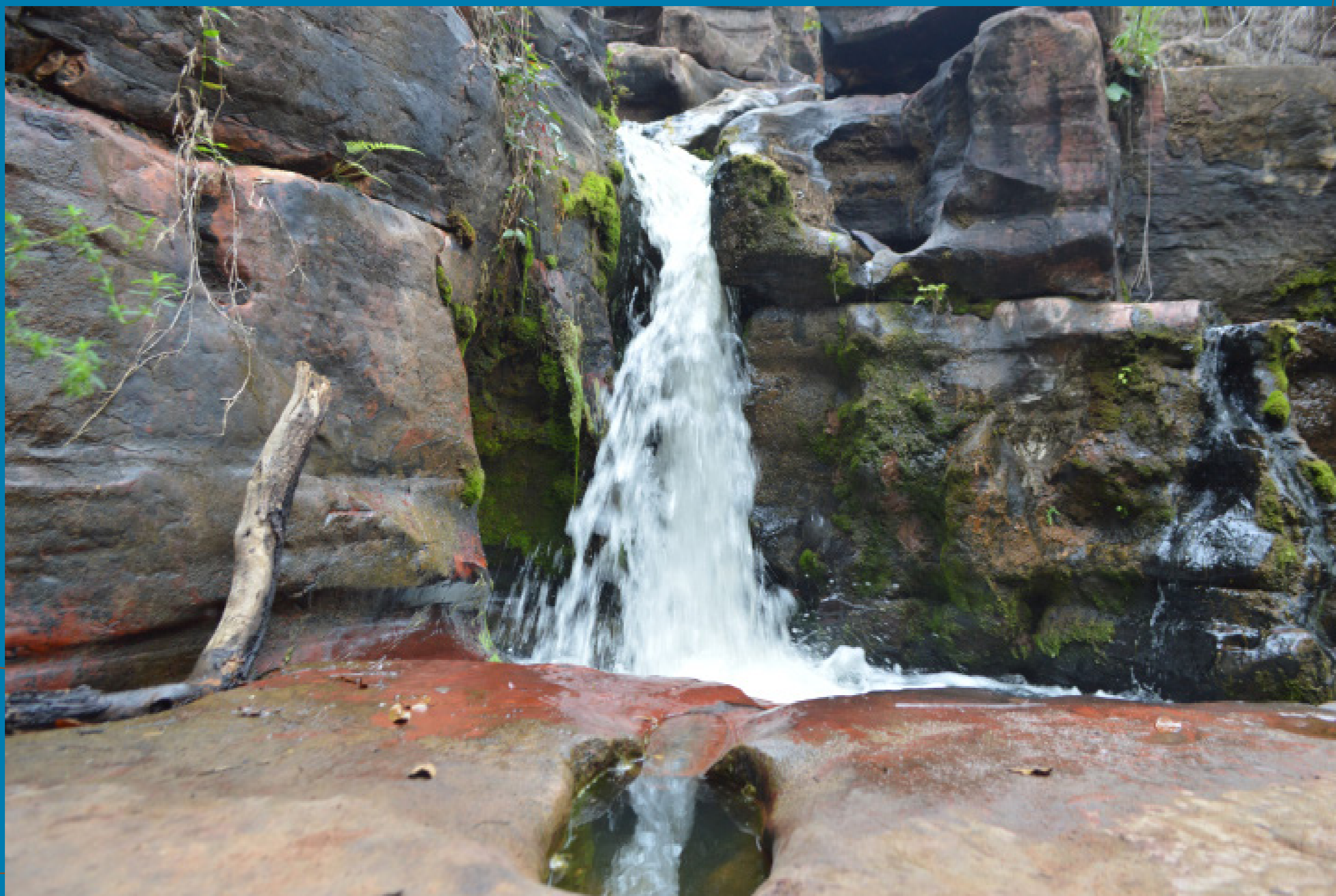
Sandálias do Pajé Esmeraldo Payayá



Florescimento



Gravidade e subversão ascensional



Energia das águas, Cachoeira de Mariazinha (Utinga, BA)